

VIRADA PRÓ AGROENERGIA

*** Roberto Rodrigues**

Desde o princípio deste ano, tem sido muito intenso o noticiário sobre biocombustíveis na imprensa brasileira e internacional. Não é para menos: o preço do etanol subiu bastante no período, levando o consumidor, acertadamente, a reduzir o seu consumo, trocando-o pela gasolina. A principal razão para isso foi a grande quebra na produção da safra passada, quando se produziram 4 bilhões de litros a menos, por causa da chuvarada que perturbou a colheita, e pelo baixo rendimento industrial: quanto mais chuva, menos álcool. Só este aumento de preços já é motivo suficiente para noticiário e especulação, inclusive porque os preços mundiais de açúcar são os mais altos em quase 30 anos devido à seca na Índia, que de exportador se tornou importador do produto. A antecipação da safra deste ano logo normalizará tudo isso.

Mas tem muito mais coisa acontecendo: a grande movimentação pós-crise no setor é inédita: a compra da Santa Elisa/Vale pela Dreyfus, que se transformará numa gigante global; a Bunge crescendo também com a compra do Grupo Moema; a ETH (sociedade da Odebrech com um forte grupo japonês) comprando a Brenco; a parceria da COSAN (maior produtora do mundo) com a Shell, que muda o paradigma da distribuição de biocombustíveis, além da mesma COSAN, no ano passado, ter adquirido a distribuição nacional da ESSO; a parceria da grande Usina São Martinho em sua unidade de Goiás com a Amyris, empresa americana de tecnologia, que fará diesel a partir da garapa; a gigante indiana Shree Renuka Sugar comprando o Grupo Equipav; enfim, há uma agitação sem precedentes no mercado sucro-alcooleiro com o que se sabia que ocorreria: concentração, consolidação e internacionalização.

Mas não é só aqui: empresas européias começaram a negociar terras na África para produzirem etanol exportável à UE sem tarifas. A suíça Addax Bioenergy já está em Serra Leoa; a sueca Sekalb, que importa etanol brasileiro, está negociando investir na Tanzânia; o Brasil também se prepara para fazer propostas no Senegal e em Guiné Bissau nos mesmos moldes da parceria que temos com os Estados Unidos para produzir na América Central e Caribe. Houve um seminário em janeiro no Japão para reavaliar a entrada do produto nos países asiáticos. Enfim, muita agitação.

A chegada de poderosas multinacionais sinaliza a criação do mercado global, finalmente. Ninguém se arriscaria a investimentos tão grandes pensando apenas no nosso mercado interno. Mesmo as recorrentes preocupações sobre o efeito do uso incorreto de terra pela cana estão sendo esclarecidas, e tranquilizam.

Mas sem dúvida, a mais importante novidade deste ano é o reconhecimento, pela Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos, de que nosso etanol de cana é um “biocombustível avançado”.

De acordo com estudos da EPA, as emissões de CO₂ do etanol de cana-de-açúcar corresponde a 39% das emissões da gasolina.

Este fato possibilita a abertura do mercado americano mais cedo do que se esperava, inclusive com a possível redução de tarifa imposta ao nosso etanol – e apenas ao nosso! – que hoje dificulta as exportações para lá. Nunca é demais lembrar que em 2022 os Estados Unidos consumirão 136 bilhões de litros de biocombustível avançado. Já estamos na fila. Não é à toa que tanto gigante está de olho no produto.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**